

A TRANSFORMAÇÃO MAIOR

E. P. THOMPSON, ECONOMIA MORAL, CAPITALISMO

Michael Merrill¹

Tradução: Sérgio Paulo Morais²

Edward Palmer (E. P.) Thompson foi um dos grandes historiadores e figuras da classe operária do século XX. Ele não só mudou a forma como a história foi escrita, foi ativista antinuclear e das liberdades civis e também teve um papel significativo nessa construção histórica. Sua contribuição historiográfica mais importante, é claro, foi *The making of the English working class (A Formação da classe operária Inglesa, 1963, daqui para frente: A Formação)*, que foi de grande valia a nossa apreciação das complexidades da formação de classes, durante e depois da transição ao capitalismo, e a nosso entendimento do papel que a “presença da classe operária” teve na política da era capitalista.

Seus estudos subsequentes sobre os costumes e a cultura da Inglaterra do século XVIII também contribuíram de forma original, especialmente com nosso entendimento da dinâmica social das comunidades pré-capitalistas que lutavam para conter o avanço do capitalismo. Já discuti *A formação* de Thompson noutra oportunidade.³ Aqui quero dar foco à concepção de “economia moral” que, em seu ponto de vista, deu vida à oposição inglesa ao capitalismo emergente. Quero particularmente revisar a parte de seu argumento na qual ele discute as objeções levantadas por

¹ Centro de Estudos Laborais Harry Van Arsdale Jr. Empire State College/SUNY (N.Y)

² Professor do Instituto de História (cursos de graduação e pós-graduação) da Universidade Federal de Uberlândia, que agradece a Anelise A. Dantas pelas contribuições.

³ THOMPSON, E. P. *Capital: Political Economy in The making. Labour/Le Travail* 71, Spring 2013, p.151-6.

economistas e historiadores econômicos de mente neoclássica. Ao contestar tais objeções, a meu ver, Thompson revelou mais do que deveria. Meu alvo é sugerir uma revisão de pontos específicos de sua resposta, mostrando formas de reforçar o caso da economia moral.

A economia moral da multidão inglesa no século XVIII apareceu no jornal inglês de história social *Past & Present* em 1971. Thompson havia brevemente desenvolvido a ideia de “economia moral paternalista” em *A formação*, em que discutiu os valores das *mobs* (multidões) inglesas que fizeram motins e rebeliões nos anos 1790 para proteger e defender seu padrão de vida. Thompson escreveu: “Qualquer aumento agudo de preços fomenta motins”, instâncias as quais são “vistas como atos de justiça apropriados, e seus líderes, como heróis”.⁴ “Ações dessa escala”, ele concluiu, “indicam um padrão de comportamento e de crença profundamente enraizados”. Então, não é inesperado que ele tenha começado a explorar mais profundamente esse padrão de comportamento em sua dissertação de 1971. Ele particularmente procurou desafiar a convicção de que os chamados “motins de fome” na Inglaterra e em outros lugares na Europa Ocidental no fim do século XVII, início do século XVIII, foram resultado da privação dos manifestantes, mais do que de seus ideais sociais e princípios morais. Ressaltou o contrário: se a fome fosse a maior causa de tais perturbações, muito mais motins teriam acontecido, com um número muito superior de manifestantes. Os manifestantes não eram os famintos e, sim, os revoltados. A maioria dos famintos aceitava seu destino passivamente; os revoltados não. De acordo com Thompson, o que distinguia os manifestantes era uma forte crença de que qualquer falta de comida não era a inevitável vontade de Deus, era um ato humano reversível. Eles enxergavam suas dificuldades como falhas políticas e sociais, e protestavam para garantir reparação.

Sua disposição de protestar, Thompson rebateu, tinha tudo

⁴ THOMPSON, E. P. *The making of the English working class*. New York: Vintage, 1963. p. 62-8.

a ver com sua concepção de uma “economia moral” tradicional envolta em estatutos elisabetanos e em outros mais antigos. Essa “economia moral”, um conjunto de precedentes e práticas melhor estabelecidos, proporcionou aos manifestantes uma forma de entender a causa de seus problemas. Ela também responsabilizava certos indivíduos e práticas, e sugeria ações específicas como soluções adequadas e apropriadas. Com essa moralidade à mão, os manifestantes poderiam justificar e direcionar sua revolta, sendo também bastante espertos, protestando *com* e *por* efeito. Onde houve motins, os oficiais não podiam simplesmente excluir os famintos. Ao contrário, muitos se sentiam compelidos a distribuir os grãos que podiam, e a preservar a paz tanto quanto possível. Além disso, na opinião das multidões manifestantes, ainda que remover as barreiras locais e nacionais ao comércio e aumentar o mercado de grãos significasse um estoque maior, os ganhos provindos de tais políticas não justificavam pedir às partes mais pobres e vulneráveis para custear as melhorias, quaisquer fossem elas. Aqueles que se beneficiavam, rebatiam, tinham que pagar o preço – e Thompson concordava com elas. Uma verdadeira “economia moral” não apenas expandiria o estoque de comida, mas também garantiria sua justa distribuição.

Aqui não entrarei em tais assuntos,⁵ mas quero olhar mais minuciosamente para um aspecto único e crucial do argumento de Thompson. Em 1993, após mais de uma década de campanhas antinucleares, Thompson revisitou os debates inspirados por sua dissertação inicial com uma longa resposta aos críticos, intitulada *Economia moral revisitada*.⁶ Nessa

⁵ Há uma vasta gama de literatura disponível sobre esse assunto para quem se interessar. Os trabalhos de Roger Wells, THOMPSON, E. P. *Customs in common and moral economy. The Journal of Peasant Studies*, 21, 2, 1994, p. 263-307; e de RANDALL, Adrian; CHARLESWORTH, Andrew (Ed.) *Moral Economy and Popular Protests: Crowds, Conflict and Authority*. New York: St. Martin's Press, 1999, são pontos de partida pertinentes.

⁶ THOMPSON, E. P. *Customs in Common: Studies of Traditional Popular Culture*. New York: New Press, 1993.

resposta, entre outros golpes e defesas, Thompson virou jogo sobre seus críticos, e bebeu do seu próprio veneno contra as concepções prevaletentes de “mercado” e “economia de mercado”. Ele sentia que sabíamos pouco demais sobre essas características centrais de nossa vida econômica, especialmente de forma histórica apropriada. Não sabíamos como os mercados do século XVIII realmente funcionavam; e o que sabíamos tinha mais a ver com ideologias do que com a realidade. Referências ao “mercado” ou “mercados” na literatura não necessariamente significavam a presença real de um processo de mercado. Em geral, significavam nada mais que uma imagem idealizada de tal processo. Historiadores que pressupunham o contrário, que acreditavam que um mercado “perfeitamente competitivo” ou um equivalente de fato existia na Inglaterra do século XVIII, Thompson, de modo racional, propôs, deveriam “mostrar a nós”. É o que ele buscou fazer em relação à moral dos manifestantes da fome e à injunção aplicada aos mecanismos de marketing com a mesma força que à moralidade da provisão básica: “uma metáfora, não importa o quão grandioso seu pedigree intelectual, não é suficiente”.⁷

Nessa parte, a “economia de mercado” para Thompson parecia ser apenas “uma metáfora (ou máscara) para o processo capitalista”, geralmente usada para disfarçar iniquidades óbvias.⁸ Se fôssemos resolver tais problemas, precisaríamos fazê-lo cuidadosa e contextualmente. Ele pensava que o significado de “economia de mercado” ficava evidente quando contrastado com “a direção centralizada dos velhos estados coletivistas.” Mas determinar “o que foi uma ‘economia de mercado’ na Inglaterra do século XVIII” não era tão fácil, precisamente porque ninguém conseguia ver uma “economia de não mercado” para fazer comparações. Isso era o que ele acreditava. Pelo contrário, “até os manifestantes mais zelosos, tais como os mineiros de Kingswood, os

⁷ Ibidem, p. 305.

⁸ Ibidem.

metalúrgicos de Cornwall, e os trabalhadores têxteis do oeste da Inglaterra”, de acordo com Thompson, “eram profundamente comprometidos com o mercado, tanto como produtores, quanto como consumidores,” sem os quais eles não poderiam “ter existido por um mês, nem sequer uma semana” (p. 304). Essa realidade trouxe consequências diretas. As multidões da Inglaterra do século XVIII, ele insistiu, aceitavam a realidade e até mesmo a utilidade dos mercados. Os manifestantes da fome esperavam que os mercados, especialmente os de alimentação e necessidades básicas, apenas se conformassem às expectativas de justiça da comunidade – *suas* expectativas.

Em outras palavras, Thompson concordava que a multidão inglesa entendia que mercados são necessários; a demanda era que eles fossem “morais”. As multidões manifestantes não imaginavam que havia uma escolha entre diferentes “economias” e diferentes sistemas de produção e troca, e conseqüentemente, Thompson também não. Ele usava a “economia moral” para dar significado não a um estilo de vida (ou modo de produção) sistêmico e qualitativamente diferente, mas a uma velha tradição reguladora que operava, em princípio, para assegurar que os pobres fossem ao menos alimentados. E essa diferença (entre uma economia na qual cuidar dos pobres era importante, e outra na qual não) era justamente o que determinava se uma economia era ou não “moral”. A “economia moral” que Thompson evocava não era diferente no tocante a estruturas e nem as suas relações sociais constitutivas. Ela diferia no espectro de políticas e tinha a ver com as formas nas quais seus líderes se portavam. Na visão de Thompson, o histórico do século XVIII não revelava tipos de mercado e nem de economia qualitativamente diferentes. Ele revelava apenas “diferentes formas de regular o mercado, ou de manipular o comércio entre produtores e consumidores para a vantagem de uma ou outra parte.”⁹ E a “economia moral” era, a seu ver, justamente essas diferentes formas. Com respeito “ao caso particular do mercado de ‘necessidades’ em tempos

⁹ THOMPSON, op. cit., 1993, p. 304.

de escassez”, sua leitura das evidências disponíveis o levou a concluir que “o modelo preferido da multidão era precisamente o ‘mercado aberto’, no qual os produtores mesquinhos competiam livremente; não era o mercado fechado, em que os grandes negociadores conduziam trocas privadas, baseadas em amostras, nos fundos das pousadas”.¹⁰

É neste ponto que quero rebater. E quero fazê-lo porque o argumento de Thompson neste ponto me parece indistinto do de Adam Smith; o que é no mínimo bastante estranho, principalmente por causa das denúncias espirituosas que ele fez contra Smith, tanto em *A economia moral da multidão inglesa* quanto em *Economia moral revisitada*.¹¹ De fato, a famosa observação de Smith sobre o que acontece toda vez que membros de um mesmo tipo de comércio unem-se poderia ter sido diretamente importada às páginas de Thompson, sem mérito, e até mesmo ao lugar onde Smith acusou os malfeitores de conspiração conjunta: “Pessoas do mesmo tipo de comércio raramente se reúnem”, ele escreveu, “nem mesmo para diversão e descontração; e a conversa sempre termina numa conspiração contra o público, ou em algum acordo para aumentar os preços”. Com certeza Smith continuou denunciando leis que davam poder a pessoas do mesmo tipo de comércio, para que elas se “autotributassem para sustentar seus pobres, doentes, viúvas e órfãos”.¹² Mesmo assim, as semelhanças são gritantes. A “economia moral” da multidão era, de acordo com Thompson, simplesmente um mercado competitivo propriamente smithiano, no qual os clientes podiam exercitar disciplina efetiva sobre seus fornecedores.

Foi aqui, penso eu, que Thompson se entregou demasiadamente a seus críticos. Ele parece ter presumido que a única opção disponível à multidão do século XVIII, ou

¹⁰ Ibidem, p. 303-304

¹¹ THOMPSON, op. cit., 1993, em especial p. 200-207; 270-286.

¹² SMITH, Adam. *An Inquiry into the Nature and Consequences of the Wealth of Nations*. New York: Modern Library, 1937[1776]. p. 128.

às autoridades às quais ela apelava, era “regular” o mercado, manipulando suas trocas “para a vantagem de uma ou outra parte”. Entretanto, havia outra opção: insistir para que o mercado de alimentos em expansão fosse organizado na mesma base que o mercado local. Ao invés de encorajar a competição e a troca com soma zero (na qual a vantagem de uma parte é a perda de outra), as autoridades poderiam ter incentivado a cooperação e o ganho mútuo, que sabemos ser a forma como a maioria dos mercados locais organizava-se, não importava o quão imperfeitamente. Isso quer dizer que uma “economia moral” alternativa realmente existia na Inglaterra do século XVIII, não só em relação ao princípio regulatório, mas nas relações diariamente vividas, e foi a prática predominante na maior parte do período de tempo sobre o qual Thompson escreveu, como veremos com mais detalhes a seguir. Portanto, há razões suficientes para se crer que quando a multidão protestava, não era para meramente insistir com uma lei paternalista, mas para defender seu modo de vida. A mim, parece que o mercado com o qual “até os manifestantes mais zelosos, tais como os mineiros de Kingswood, os metalúrgicos de Cornwall, e os trabalhadores têxteis do oeste da Inglaterra eram profundamente comprometidos tanto como produtores, quanto como consumidores”, e sem o qual eles não poderiam “ter existido por um mês, nem sequer uma semana”,¹³ mais provavelmente não era o mercado de Adam Smith, mas seu próprio mercado – uma rede de relacionamento recíproca de cooperação e troca por meio da qual eles tradicionalmente conduziam seus negócios.

Graças a Craig Muldrew, nós agora temos um histórico detalhado dos trabalhos internos dessa “economia moral” do século XVIII, que se encaixa perfeitamente no modelo implícito de Thompson. Muldrew deixa claro que quase toda compra e venda na Inglaterra dos séculos XVII e XVIII “envolvia crédito de uma forma ou de outra – fosse o lavrador vendendo

¹³ THOMPSON, op. cit., 1993, p. 304

milho no mercado, o sapateiro vendendo um par de sapatos, um trabalhador barganhando um de seus trabalhos, ou um atacadista importando carvão de Newcastle”.¹⁴ “Cada casa no país”, ele observa, “desde a casa dos pobres à casa real, era envolta num certo grau com as redes de crédito e obrigação crescentemente complicadas nas quais as transações eram comunicadas”.¹⁵ Nos termos aqui apresentados, tais redes de crédito e obrigação constituíam um vasto sistema de reciprocidade; certamente não eram presentes que davam uns aos outros. Como Muldrew nota, “essas dívidas numerosas... eventualmente tinham que ser pagas.” Mas também não eram compras comerciais, forma que eram convencionalmente vistas. “Mas crédito era tão comum que a maioria das pessoas eventualmente acumulava inúmeras dívidas recíprocas ao longo do tempo”, e estas eram ou lembradas ou escritas em livros contábeis, e posteriormente mutuamente canceladas após intervalos de tempo convenientes.

Tal “acerto de contas” operava de acordo com princípios muito diferentes daqueles que caracterizavam o sistema comercial em expansão. Em particular, eles não estavam atrelados a um calendário fixo de quitação e, mais importante, “juros não eram cobrados sobre crédito de vendas para contabilizar qualquer risco”. Nesse aspecto, o sistema recíproco era pontualmente diferente de “empréstimos de dinheiro ou empréstimos sob fiança, sobre os quais juros eram o padrão desde o século XVII”.¹⁶

¹⁴ MULDREW, Craig. *The Economy of Obligation: The Culture of Credit and Social Relations in Early Modern England*. New York: Palgrave, 1998.

¹⁵ *Ibidem*, p. 95

¹⁶ *Ibidem*, p. 107-108. Padrão, mas não regra: de acordo com Muldrew, “mesmo que muitas pessoas usassem títulos uma vez ou outra, eles ainda eram a minoria de sua dívida total.” *Economy of obligation*, p. 112. Numa amostra contábil de Hampshire naquele período, apenas 11% eram títulos, e a maioria deles era de grandes quantias de dinheiro, “onde os agiotas compreensivelmente desejavam mais segurança”. *Idem*. p. 113. Nesse contexto, também é importante notar que os agiotas não estavam totalmente imunes de considerações não econômicas: “em contraste com o crédito de vendas, que dependia mais da necessidade do consumidor, muitos empréstimos mais altos eram

A conexão entre a economia moral de obrigação de Muldrew, com sua “sociabilidade de crédito e comércio”, e a economia de Thompson, de regulamentação paternalista, fica óbvia. As práticas estabelecidas descritas por Muldrew envolviam vendedores entregando bens aos consumidores mais ou menos sob encomenda, se os tinham de pronta entrega, sem expectativa de pagamento imediato (fosse a dinheiro ou por meio de qualquer instrumento de crédito comercial, tal como uma nota promissória, um título ou um cheque). Com certeza os vendedores não tinham que entregar produtos quando recebiam pedidos. Mas os compradores também não tinham que pagar quando recebiam a mercadoria. A disposição de entregar o produto bem como a disposição de pagar eram atos de confiança. Ambas eram afirmações de um desejo de forjar e manter uma ligação contínua. Tais afirmações são justamente o que permite descrever tal economia como “moral”. Invocando os termos estritos por Kant, ela envolvia o tratamento das pessoas não como um meio para se chegar a um fim, mas como o fim em si. Não surpreendentemente, quando os fornecedores buscaram mudar essas expectativas e conduzir seus negócios de forma diferente, uma delas envolvendo a maximização da renda individual em vez do suprimento de necessidades emergentes, houve um verdadeiro rebuliço.

Como Muldrew observaria em outras ocasiões, Thompson “não estava preocupado com a estrutura social do marketing”, ou, em nossos termos, a forma e a estrutura da troca em si.¹⁷ Ele, pelo contrário, dedicou-se às “forças culturais” que operavam “em tempos de escassez”, quando “as noções morais tradicionais e paternalistas do direito dos pobres aos grãos produzidos localmente entraram em conflito com uma nova ideologia de comércio livre, mais absolutamente utilitária, advogada por Adam Smith e outros, à qual uma nova raça de

comumente obtidos de parentes”. Ibidem. p. 113.

¹⁷ MULDREW, Craig. Interpreting the Market: the ethics of credit and community relations in early modern England. *Social History*, 18, 2, maio, 1993, p. 163-83. Sobre a “forma e a estrutura do comércio” veja p. 9-11.

intermediários se subscrevia”.¹⁸

Muldrew concordava com Thompson que, quando havia falta de estoque de comida, as pessoas exigiam a imposição de uma “velha moralidade reguladora” no mercado, “através da apreensão de grãos que deveriam ser exportados, [e] sua venda [à população local] a um preço justo”. Contudo, Muldrew também debateu que a moralidade dos mercados do século XVIII não era simplesmente um problema de “ideais regulatórios”; mas sim que o sistema inicial de mercado moderno *em geral* constituía “uma economia moral de relações contratuais individualistas,” que eram governadas por expectativas “muito mais normativas que a velha moralidade regulatória ressaltada por Thompson”.¹⁹

Muldrew exagerou um pouco aqui. A “economia moral de relações contratuais individualistas” sobre a qual escreve, que depois foi chamada de “economia da obrigação”, não era a única opção econômica para a inicial economia moderna inglesa. Ela tinha um rival: o mercado comercial que Adam Smith defendia. Ao longo do século XVIII a “economia da obrigação” retirou-se ante as pressões globalizantes do mercado comercial de Adam Smith. Muldrew também parece discutir, às vezes, que a moralidade de sua “economia da obrigação” era irracional e altruísta (por exemplo, não “automotivada racionalmente”), e, portanto não “simplesmente ou até mesmo primeiramente preocupada com o auto interesse no sentido smithiano”.²⁰ A permissão para que devedores atrasassem o pagamento por tanto quanto necessitassem proporcionava que apenas procedimentos relativamente onerosos facilitassem a cobrança dos delinquentes, entretanto, não necessariamente fazia com que a “economia da obrigação” do século XVIII tornasse-se irracional, e, sim, simplesmente inteligente. E essa é uma

¹⁸ Ibidem, p. 169.

¹⁹ MULDREW, op. cit., 1993, p. 169.

²⁰ Ibidem.

diferença que merece ser chamada de “moral”. O pagamento no sistema recíproco ficava marcado em seus devedores não como um requerimento da estrutura de recebimento inicial, como no sistema comercial, mas como a obrigação de um relacionamento contínuo. Nesse primeiro caso, não há como receber sem imediatamente devolver. A regra é: receba pelo que pagou, pague pelo que recebeu. No segundo caso, em contrapartida, é possível receber sem imediatamente ter que devolver. A regra é: dê quando puder, pague quando puder.

Podemos na verdade generalizar ainda mais essas noções, até mesmo concordando com Adam Smith que há uma “propensão natural a negociar, vender e trocar”, sem concordar que há apenas uma única forma de essa propensão ser expressa. Pelo contrário, podemos plausivelmente identificar pelo menos quatro “formas de comércio” elementares, dentro das quais qualquer propensão possa se expressar, e das quais as trocas comerciais são apenas uma.²¹ Definir o comércio como qualquer transação na qual algo é dado de modo voluntário, com uma expectativa que algo vai, em algum momento, também ser voluntariamente recebido. Além disso, chamar a entrega inicial de algo de “abertura”, e o recebimento subsequente que completa a troca de “fechamento”. Cada troca pode então ser classificada na base de dois pares de distinções binárias: 1) se o fechamento ocorre ao mesmo tempo em que a abertura, ou num outro momento; e, 2) se ele vem através da mesma pessoa ou organização que fez a abertura, ou se vem através de outra pessoa ou organização. Estas regras constituem um espaço comercial 2 X 2, em que cada quadrante do qual define uma forma de comércio distinta e particularmente, cada qual define sistemas que nos são familiares (veja FIGURA 1).

²¹ Chamo as formas que tenho em mente “elementares”, porque, embora constituídas pelas regras mais simples possíveis, definem “sistemas de comércio” complexos, que são comuns e relativamente bem conhecidos por toda parte.

SISTEMAS DE COMÉRCIO		TEMPO DE RETORNO	
		MESMO	DIFERENTE
FONTES DE RETORNO	MESMAS	Troca/Permuta	Reciprocidade/ Confiança
	DIFERENTES	Cooperação/ Trabalho de equipe	Doação/ Generosidade

Figura 1 – Sistemas de comércio

O “mercado” e a “economia de mercado” de Thompson, bem como os de Adam Smith, pertencem à parte superior direita desse espaço. Nesses sistemas, cada transação elementar envolve somente duas pessoas, um doador e um receptor, um comprador e um vendedor, e cada troca é sempre concluída mais ou menos imediatamente à abertura. A lógica desses sistemas é que quando alguém compra (ou recebe) algo, espera-se que ele pague por isso (ou dê algo em retorno), não somente antes ou depois, mas na hora da compra.²² A “economia moral” da

²² Quando o pagamento é feito através de outros bens e serviços produzidos, chamamos a troca de “permuta”. Quando o pagamento é feito em dinheiro – por exemplo, uma mercadoria especializada, penhor, ou instrumento de crédito, com o propósito de servir de meio de pagamento – então o chamamos de “comercial”. Mas em cada caso, ambos o tempo e a fonte do retorno do fechamento são os mesmos que os do bem entregue na abertura, ou tão próximos quanto aceitável. Quero ser o mais claro possível aqui: o dinheiro, tradicionalmente, tem três funções – padrão de valor; forma de pagamento; e acúmulo de riquezas. A primeira dessas funções é historicamente a mais antiga, a

multidão inglesa, entretanto, pertence à parte superior direita do quadrante. Como com a parte superior esquerda, o retorno sobre fechamentos vem daqueles que receberam na abertura. Mas, ao passo que negociantes de mercados comerciais devem pagar prontamente mediante a entrega, os dos sistemas recíprocos não têm que fazer o mesmo. Pelo contrário, quando o pagamento é recebido nesses sistemas, o fechamento pode não somente ser atrasado na prática, muitas vezes de maneira indefinida, e por isso justamente os chamamos de “economias morais”. Ainda se espera que o recipiente pague a abertura, mas o tempo e caráter do retorno é objeto de muita negociação e mutualidade.²³

Há então muitas evidências para apoiar a reivindicação de que uma “economia de não mercado” distintiva existia na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, se entendermos “não mercado”

forma original do dinheiro, que é: cada sistema de comércio envolvendo uma troca de equivalentes às trocas esperadas. Mas cada sistema de comércio não tem que ter um meio de pagamento universal, um “dinheiro”, “moeda”, que é dado em troca pelos bens recebidos. Tais meios existem há muito tempo (exemplos incluem metais preciosos, pedras semipreciosas, búzios, moedas cunhadas, peles de castor, e folhas de tabaco) e eles há muito tempo são trocados como parte de uma série de transações contínuas. Mas, até recentemente, tais fundos têm sido relativamente escassos e incapazes, ou indisponíveis, para servir como um meio de pagamento universal. (Escassez relativa é de fato um pré-requisito para ser um meio de pagamento: um estoque muito grande de um tipo de moeda desvaloriza-a, relativamente). Um sistema de comércio totalmente “monetário”, um no qual cada transação envolve um pagamento monetário imediato mediante a entrega, o tipo que comumente intitulamos “um mercado”, depende de um estoque adequado de “dinheiro” confiável – por exemplo, uma moeda amplamente disponível, cujo valor é pelo menos relativamente estável. E é somente com a difusão dos sistemas modernos de dinheiro de papel e crédito comercial que as sociedades humanas têm acesso a tais moedas, sem as quais o que chamamos de “capitalismo,” ou a mercantilização de tudo, não seria possível.

²³ Descrevi uma “economia moral” parecida na América do Norte, e reconstitui sua dinâmica individual e relações de troca usando livros contábeis e inventários do vale do rio Hudson. No meu ponto de vista, ele teve uma parte proeminente na vida econômica da América dos séculos XVIII e XIX. Veja MERRILL, M. *The Monetization of Everything: The Gift of Credit, the Social Relations of Exchange, and the Transition to Capitalism in the United States*. Disponível em: <commons.esc.edu/michaelmerrill/files/2013/04/ Monetization-of-Everything.pdf>. Acesso em: 29 ago.: 2013.

como “não comercial”, ou seja, não baseada num sistema comercial no qual se espera o pagamento mediante a entrega. Os “mercados” eram totalmente centralizados a essa economia moral alternativa, pois provinham da economia comercial emergente. Contudo, os “mercados morais” alternativos eram baseados numa forma de troca distintivamente diferente da que caracterizava a economia comercial. O desejo de se fazer as coisas da forma mais eficiente possível certamente era visto em cada um dos sistemas. Mas os mercados da “economia moral” alternativa diferiam daqueles do setor comercial não meramente em parâmetros de “regulamentação”. Elas eram diferentes sistemática e qualitativamente – com efeitos que eram (e são) suficientemente importantes para sua categorização não só como mercados diferentes, mas como economias diferentes.

Também podemos estimar o tamanho relativo de cada uma dessas economias alternativas e mensurar como o balanço entre elas direcionou o curso do século XVIII. Para tanto, precisamos comparar estimativas do tamanho das economias morais e comerciais no início e no fim do século. Muldrew produziu estimativas das economias morais usando o trabalho de Gregory King, revisado para refletir o fato de que King, sistemática e intencionalmente, deixou de lado o crédito de compras não comercial e não monetarizado, que era o esteio da economia da obrigação. Corrigindo esse esquecimento, Muldrew estimou que o PIB inglês em 1688 foi de £146 milhões, e não os meros £50 milhões estimados por King.²⁴ Destes £146 milhões, cerca de £110 milhões, ou aproximadamente 75%, era propenso a ser contabilizado pelo setor não comercial da “economia moral.” Por meios de comparação, as estimativas convencionais da atividade

²⁴ Peter Lindert e Jeffrey Williamson também revisitaram a estimativa de King, embora tenham levemente aumentado o número para £54 milhões. Mas eles também parecem ter ignorado o crédito de vendas não monetarizado, o qual era a maior parte da maioria das transações domésticas. Veja LINDERT, Peter; WILLIAMSON, Jeffrey. Revising England’s social tables 1688-1812. *Explorations in Economic History*, 19, 1982, 385; 395; 408. Toda essa controvérsia é muito complicada de ser aqui resolvida, e requer mais elaboração. MULDREW, C. *Economy of Obligation*, p. 86-92.

econômica inglesa em 1801, as quais Muldrew aceita por seu valor nominal, resultam num PIB total £204 milhões, dos quais calculo que a “economia moral” resulte em torno de 25%.²⁵ Tais números são obviamente especulativos e oferecidos apenas a título de ilustração. Entretanto, eles também servem para ilustrar o doloroso escopo da mudança que a Inglaterra parece ter experimentado no século XVIII. De uma “economia moral” predominantemente cooperativa, embora dificilmente igualitária, no início do período, tornou-se um mercado predominantemente competitivo no fim. É essa mudança que agora chamamos de “transição ao capitalismo”, e que é marcada por duas experiências sociais vastamente diferentes – crescimento dinâmico por um lado, e contração debilitante por outro.²⁶ De acordo com a explicação de Thompson, ambos eram verdadeiros, e sua conjunção é o que ajuda a explicação das paixões e tribulações daquela era.

Para concluir, oferecerei algumas reflexões finais sobre as implicações da concepção de Thompson de “economia moral” para nossas próprias possibilidades. Na introdução de *Costumes em comum*, Thompson se refere, quase sem constrangimento, ao “capitalismo” (ou ao “mercado”).²⁷ Ele cria que o mercado era

²⁵ Ibidem, p. 92, corrigido por Lindert e Williamson, p. 403. O crescimento comparativamente rápido de £54 para £204 milhões entre 1688 e 1801 resulta numa média de 2,5% ao ano. Minhas estimativas do tamanho das economias morais e comerciais incorporam uma “velocidade estrutural monetária” constante igual a 3. Na base de tal suposição, a teoria padrão da quantidade de dinheiro, $MV = PQ$, produz uma estimativa do tamanho do setor “monetarizado” ou comercial. Em 1688, $MV = £12 \text{ milhões} \times 3 = £36 \text{ milhões}$, ou 25% do PIB estimado em £146 milhões; e em 1801 o setor comercial é $MV = £51 \text{ milhões} \times 3 = £153 \text{ milhões}$, ou 75% do PIB estimado em £204 milhões. Para uma discussão mais ampla, veja MERRILL - *The Monetization of Everything*.

²⁶ Usando as estimativas de Muldrew temos uma média de crescimento geral total de apenas 0,3 por cento ao ano, que é bem mais baixa do que a média mais aceita. Mas olhando mais a fundo em cada setor somos levados a duas histórias diferentes. O setor comercial pode então ser visto crescendo de £36 para £153 milhões, ou uma média de 2,9% ao ano, enquanto a economia moral encolhe de £110 para £51 milhões, uma taxa e declínio média igual a menos 1% ao ano.

²⁷ THOMPSON, 1993, p. 15.

meramente “uma metáfora soberba e mística” para o capitalismo, “uma máscara usada por interesses particulares não coincidentes com os interesses da ‘nação’ ou ‘comunidade’”, embora queiram ser tratados como tal.²⁸ Um propósito da “Economia moral da multidão inglesa” era remover a máscara e expor o mito capitalista subjacente, o qual ele propôs fazer burlando uma lógica “moral” alternativa (em vez de “maximizar os lucros”), animando as ações da multidão dos tumultos da fome do século XVIII, os quais ele havia estudado. Thompson pensava que os riscos de tal mito eram imensos. “A revolução industrial e [sua] revolução demográfica coexistente”, ele escreveu na introdução de *Costumes em comum*, “foram o pano de fundo para a maior transformação na história,” a qual revolucionou necessidades e destruiu a autoridade de expectativas costumeiras. Além disso, “essa reforma de ‘necessidade’ e esse aumento do limiar de expectativas materiais (juntamente com a desvalorização da tradicional satisfação cultural) continua com pressão irreversível ainda hoje”. De fato, ela tem sido “acelerada por toda parte através dos meios de comunicação universalmente disponíveis”. Pressões uma vez sentidas por apenas alguns milhões de europeus “são agora sentidas por um bilhão de asiáticas e africanas”.²⁹

Como um historiador do trabalho, Thompson se jurou bem ciente “do auto-interesse e da apologética baseada em classes” que poderiam “sempre encontrar razões pelas quais os pobres deveriam permanecer pobres”.³⁰ Mas não deveriam, e não vão: “As expectativas globais estão aumentando como as águas do dilúvio de Noé”. Ele se preocupava que o resultado fosse um desastre: a prontidão da espécie humana “para atirar todos os recursos do globo ao mercado [ameaça] “a espécie em si (de norte a sul) com uma catástrofe ecológica”.³¹ Thompson ofereceu

²⁸ Ibidem, p. 305.

²⁹ Ibidem, p. 14.

³⁰ Ibidem, p. 14.

³¹ Na verdade, Thompson escreveu, “possa ameaçar”, um golpe mais suave, que endureci aqui para realçar o fato de que o perigo agora está mais iminente, e que seu

seus estudos dos costumes e cultura pré-capitalistas, incluindo a economia moral da multidão do século XVIII, para ser um porto seguro nessa tempestade. “O engenheiro de nossa catástrofe”, ele escreveu, caso ela aconteça, “será o homem econômico, seja na forma clássica e avarenta do capitalismo ou na forma do ortodoxo homem econômico rebelde da tradição marxista”.

“À medida que o capitalismo (ou o “mercado”) transformou a natureza e a necessidade humanas, a política econômica e seu antagonista revolucionário vieram supor que esse homem econômico era para sempre”. Ao fim do século XX, Thompson acreditava: “deveria então ser chamado de duvidoso”. Não podemos esperar que um lembrete das “necessidades alternativas, expectativas e códigos” das culturas pré-capitalistas possam “inspirar a redescoberta”, em novas formas, de um novo tipo de “consciência costumeira”, na qual cada vez mais gerações sucessivas encontram-se em relação apreciativa umas com as outras, na qual as satisfações materiais permanecem estáveis (se mais justamente distribuídas) e somente as satisfações culturais crescem, na qual as expectativas igualam-se num estado habitualmente estável”³².

Thompson foi muito pessimista aqui, a meu ver; muito desesperado. Mas, com certeza, honesto. Ele não via uma saída que não exigisse uma mudança na natureza humana em si. Mas de fato temos outras opções, que não só foram, mas têm sido vividas ainda hoje, no despertar da “transformação maior”. Além do mais, o relato de Thompson da economia moral do século XVIII não só ajuda a iluminar nossas opções, mas também as faz possíveis. Não precisamos abandonar o que sabemos. Precisamos apenas aprender com o que fazemos.

E para esse propósito, podemos ter Thompson como guia, dentre outros. “Nunca devemos voltar à natureza humana pré-capitalista”, mas podemos “renovar o senso de variedade

humor, de qualquer forma, era muito mais imperativo que condicional. THOMPSON, op. cit., 1993, p. 15s

³² Ibidem, p. 15.

de possibilidades de nossa natureza”. Ele nos admoestou a irmos adiante para “uma era quando ambas as expectativas e necessidades capitalistas e comunistas pudessem se decompor, e quando a natureza humana pudesse se renovar”. Mas não precisamos esperar pela completa transformação de nossa sociedade humana hoje para virar o jogo. Basta simplesmente nos afastarmos dos imperativos dos sistemas comerciais competitivos (“capitalismo”), que são ultra calibrados, intensos, e, portanto, frágeis, e seguirmos rumo aos imperativos de reciprocidade, cooperação e generosidade, que são mais flexíveis, mais clementes, e, por isso, mais robustos. Essa será uma grande transformação, e, de fato, uma economia moral.